UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE DOIS MITOS ERÓTICOS MAKURAP

Célia Santos da Rosa (PIC/UEM), Marina Sacco Kuroki (PIC/UEM), Eliane Domingues (Orientador), e-mail: ra52453@uem.br, ra114394@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES
Área: Ciências Humanas (70000000); sub-área: Psicologia (70700001)

Palavras-chave: psicanálise, mito indígena, sexualidade.

Resumo:

O presente trabalho pretende analisar, a partir da psicanálise, dois mitos indígenas da cultura do povo Makurap: *A piroca de muritatinga e o sapo páapap* e *O caçador panema ou o namorado do pau-âmago,* publicados na obra *Moqueca de Maridos* de 1997, organizada por Betty Mindlin, antropóloga e escritora brasileira. Atualmente, há poucos estudos da psicanálise brasileira relacionados à temática indígena e suas mitologias. Conhecer a mitologia indígena é um modo de entrar em contato com a cultura dos povos indígenas, resgatar seus aspectos, conhecer seu imaginário. Assim sendo, os mitos foram analisados a partir da psicanálise e do contexto cultural, considerando como a sexualidade e os papéis de gênero se apresentam no imaginário mítico indígena no povo Makurap. Ao analisar os mitos, observa-se que em ambos os casos o mito transmite um ensinamento sobre o comportamento, sendo uma forma de assegurar que as normas sociais continuem vigentes e uma forma de expressão de desejos sexuais reprimidos.

Introdução

O objetivo de nosso estudo é discutir, a partir da perspectiva psicanalítica, os seguintes mitos: *A piroca de muritatinga e o sapo páapap* e *O caçador panema ou o namorado do pau-âmago,* publicados na obra *Moqueca de Maridos* de 1997 por Betty Mindlin. A autora realizou uma coleta de mitos indígenas que, desde 1993, têm sido traduzidos para o português. A partir deste trabalho, Betty Mindlin publicou vários livros sobre a mitologia indígena, como *Vozes da origem* (1996), *Tuparis e Tarupás* (1993), *Terra Grávida* (1999), *Couro dos espíritos* (2001) e *Moqueca de Maridos* (1997), sendo este último o livro em que foram publicados os dois mitos que serão analisados nesta pesquisa.
Segundo Emídio e Hashimoto (2011), a mitologia é constituída de elementos atemporais, aproximando-se, deste modo, da psicanálise cujo foco são os conteúdos inconscientes atemporais que se ligam aos sonhos, pensamentos e atos psíquicos. Os autores destacam a importância do mito para a psicanálise: “Freud tinha os mitos como recursos por considerá-los um caminho para a formação da consciência,

símbolos da cultura, de forma que assim, podia-se considerar o mito também como caminho do inconsciente para o consciente" (EMÍDIO; HASHIMOTO, 2011, p.28).

Materiais e Métodos

Os mitos foram analisados a partir da psicanálise e do contexto cultural, considerando como a sexualidade e os papéis de gênero se apresentam no imaginário mítico indígena no povo Makurap.

Resultados e Discussão

Os mitos A piroca de muritatinga e o sapo páapap e *O caçador panema ou o namorado do pau-âmago* apresentam modos de expressão e vivência da sexualidade. O primeiro mito retrata uma jovem que não se interessa por homens e decide fazer um protótipo de um pênis a partir de um galho de muritatinga, utilizando-o para a obtenção do prazer sexual. Porém, os homens da aldeia não aceitam seu desinteresse por eles e resolvem descobrir o motivo do desprezo. Então, eles acham a escultura do pênis e como retaliação passam pimenta no objeto. A moça, ao utilizá-lo, sofre queimaduras e procura aliviar a dor se lavando na água fria. No entanto, ela não encontra alívio, se transformando em um sapo. Já o mito *O caçador panema ou o namorado do pau-âmago* narra a história de Ateab, um homem solteiro, que não consegue uma namorada, pois é um mau caçador. Certo dia, ele encontra uma árvore pau-âmago que se assemelha anatomicamente a uma mulher. Ateab resolve tomar a árvore como "namorada", utilizando-a como objeto de satisfação sexual. Eventualmente, seu amigo Pibei o flagra no ato sexual, deixando-o envergonhado (MINDLIN, 2014).

Podemos observar que em ambos os mitos são relatados traços da sexualidade infantil autoerótica, a masturbação, ausência de uma pessoa que não seja o próprio sujeito como objeto. Segundo Freud (1905/2016), a sexualidade infantil é perversa polimorfa. Durante a infância há múltiplas pulsões parciais, relacionados a diferentes zonas erógenas, que caracterizam o polimorfismo da sexualidade. Já no tocante à perversão, a infância é marcada por tendências instintuais que, na vida adulta, podem conduzir a diversas formas de perversão. Aquilo que se desvia em relação à meta (satisfação) e ao objeto (meio de atingir a satisfação) é considerado uma forma de perversão.

Barbosa e Ceccarelli (2019) se atentam para a dinâmica da satisfação sexual nas narrativas indígenas, em que o sujeito não a procura somente em outro objeto, em outras palavras, não destina sua pulsão ao outro, mas pode depositá-la em seu próprio corpo. O sujeito passa pela puberdade, mas não abdica da autossatisfação, relacionada à sexualidade infantil. A definição de perversão, segundo o dicionário de psicanálise de Roudinesco e Plon (1998, p. 583), é apresentada como "as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual".

Roudinesco e Plon (1998) apontam que a perversão aparece como uma renegação da castração, com uma fixação na sexualidade infantil. O mecanismo da perversão aparece em Freud como consequência de uma atitude do ser humano confrontado com a diferença sexual. Segundo Ceccarelli (2005), trabalhos acadêmicos sobre

perversos que buscam análise apontam para a relação entre a perversão e a castração. Ele explica que o que os leva a procurar a análise é um colapso psíquico resultante de uma falha no mecanismo de recusa: “suas atuações já não conseguem controlar a angústia, que os levaria a ter que enfrentar aquilo que, sucessivamente, têm estado negando: a castração.” (CECCARELLI, 2005, p. 47). No mito, possivelmente, a moça recorre a recursos perversos (masturbação) como uma forma de negar a castração que marcaria a aceitação do seu papel conforme os ideais culturais do seu povo, que preconizam que ela deveria aceitar um dos homens do grupo como parceiro sexual. Como consequência da não aceitação do papel social, a moça é punida pelos homens rejeitados.

No mito *A piroca de muritatinga e o sapo páapap* podemos compreender que a sexualidade da jovem ficou fixada em formas de satisfação relacionadas a sexualidade infantil, por isso, ela não se adequa às normas culturais. A jovem deveria estar pronta para assumir seu papel de gênero assim que entrou na puberdade, uma vez que a primeira menstruação inicia o ritual da menina moça e prepara a mulher para a vida adulta. Assim sendo, a punição que ela recebe é severa, se transformando em sapo, pois ela já está apta para se casar e ter um parceiro sexual do sexo oposto, porém ela opta por manter seu próprio corpo como objeto sexual. A jovem não está cumprindo com seu papel na sociedade, contribuindo para a manutenção da comunidade. Para o rapaz, ser flagrado tendo a árvore como objeto de satisfação sexual é motivo de risos, uma vez que reforça o fato de ele ainda não ser um “homem”. Ateab almeja ter uma namorada, ou seja, assumir o papel que a sociedade lhe impõe. Podemos supor que Ateab aceitava seu papel social e desejava se adequar ao ideal Makurap, por isso sua punição seria menos severa.

Conclusões

Nos mitos, notamos que as mulheres são sempre aquelas que rejeitam os homens. No primeiro mito todos os homens são rejeitados por uma mulher, no segundo, um homem, que não se adequa ao ideal, é rejeitado por todas as mulheres. Podemos observar também como o mito transmite um ensinamento sobre o comportamento, sendo uma forma de assegurar que as normas sociais continuem vigentes, e uma forma de expressão de desejos sexuais reprimidos.

Referências

BARBOSA, K. M. C.; CECCARELLI, P. R. A manifestação da sexualidade indígena em um conto erótico. **Estudos de Psicanálise**, n. 52, p. 95-102, 2019.

EMÍDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Histórias de uma antiga relação: uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud. **Perfil**, v. 10, n.1, p. 24-38, 2011. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/127000. Acesso em: 21 abr. 2022.

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso dora”) e outros textos:** 1901-1905. Sigmund Freud, obras completas. Trad. Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MINDLIN, B. **Moqueca de maridos:** mitos eróticos indígenas. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, LucyMagalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.